

A PANDEMIA E AS MUDANÇAS NOS SENTIDOS E DAS PALAVRAS: O QUE ERA, JÁ NÃO É...

Maria Cleci Venturini

Dentro e fora da palavra, dentro e fora do corpo, dentro e fora do povo. Poderíamos continuar a lista, claro, dentro e fora é o que mais tem por aí. (Helena Martins, In MEDEIROS, 2020, p.75)

Glossários, vocabulários, dicionários têm em comum o fato de se considerarem a língua como ou a partir da palavra. É ela seu ponto de entrada e seu cerne. Palavra, em tais objetos, é língua. (VERLI PETRI, in MEDEIROS, 2020, p. 111)

Nossas vidas e nossas práticas começaram a mudar drasticamente em 2020, quando passamos a trabalhar de casa, a viver em casa, a ver com mais acuidade a nossa ‘casa’, não por nossa vontade, mas porque houve uma dolorida necessidade de isolamento. Um ano passou e continuamos vivendo o isolamento, que mostra um ‘inverno’ em todas as instâncias: na estação do ano, na saúde, na política, na pesquisa e na educação em geral. É um tempo continuado, sem retornos, sem tréguas. No presente, é possível compreender do que falamos, mas no futuro, cada um vai atribuir sentido a esse acontecimento pandêmico a partir de sua filiação, de suas memórias e de seus compromissos com as práticas sociais e identitárias em movimento, da versão da História a que vai ler/filiar-se. Interpelada por este presente ‘alongado’, inicio esta apresentação com duas epígrafes e destaco que elas não são aleatórias. Nem pelo que dizem, nem pelo que deixam de dizer. Elas significam, pelo que se pode ler/interpretar/compreender (ORLANDI, 2004) a partir delas, pelo que ressoa como memória, pelo que é dito e pelo que está silenciado.

Como se fosse pouco dizer “dentro e fora da palavra e dentro e fora do corpo, dentro e fora do povo” (MARTINS, 2020), encaminhamos para a segunda epígrafe que instaura redes de memória com este discurso do presente, quando traz a palavra. Nessa direção, Petri (2020) destaca que nos glossários, no vocabulário e nos dicionários, “palavra em tais objetos é língua”. Não é pouco trazer o ‘dentro’ e o ‘fora’ da palavra, assim como não é pouco tomar a palavra ‘como língua’. Acrescentamos muitas razões fortes para destacar, nesta apresentação, a vida que tem escapado, a vida que tem se findado, se

extinguido e uma dessas razões dá visibilidade para as condições de produção da obra ‘dentro’ da qual estão estes fragmentos.

Faço parágrafo para dizer: elas estão em um livro que se chama “Almanaque de Fragmentos: ecos de do séc. XIX”. A autoria é compartilhada. Todos os que escreveram os verbetes são autores e no final de cada verbete, há apenas as iniciais de quem o escreveu. Nos ‘fragmentos’ e no ‘compartilhamento’ está a nossa motivação para pensar no ‘dentro e no ‘fora’ e nas palavras, que trazem os ‘ecos’, lidos como o antes (fora) e o agora (dentro) de uma pandemia que vai e volta incessantemente. Essa permanência e suas consequências convocam temporalidades e, nas temporalidades convocadas, ressoa a história (acontecimentos) como historicidade, como exterioridade, o que está ‘fora’ e ‘dentro’, num movimento contraditório que autoriza Martins (2020) a dizer: “dentro e fora é o que mais tem por aí”.

O nome do livro é Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX e em tempos de pandemia pelos ecos retornam/ressoam memórias de outras pandemias, talvez não tão longas, mas bastante sofridas. Por esses ecos vemos que este presente interminável instaura a divisão entre o ‘antes’, o ‘agora’ e talvez um ‘depois’. Difícil dizer, mas temos visto e aceitado cada vez mais que não sairemos desse período de isolamento da mesma forma como entramos. Todas as nossas práticas vão em direção a um futuro, que pode ser melhor, nada é certo, ainda mais que a própria noção de verdade se altera, se esvai. Uma dor nos músculos, uma gripe e outras manifestações de doença fazem soar o alarme e com ele o medo desse vírus que atinge o mundo e que no Brasil ceifou mais de quinhentas mil vidas. E isso é muito, não são fragmentos e nem ecos de um passado, mas uma dolorosa presença da doença, da morte e de feridas que sangram, sem muita esperança de cicatrização.

Diante desse presente, as pesquisas, as escritas, as leituras continuam e vinte fragmentos de pesquisas, e porque não dizer de vidas/sobrevidas, que vemos como recortes, como escolhas, fazem da Revista Interfaces da UNICENTRO uma revista pela qual ressoa a vida/resistência, o desejo de continuar as pesquisas que só param quando somos interditados ou nos tornamos incapazes por uma outra FORTE razão. Não por acaso, iniciamos esta apresentação do Vol. 12, no. 02 do periódico com um artigo que enfoca a memória de tradutores e intérpretes de libras intitulado “Memórias de tradutores e intérpretes da Libras: perfis e etapas da profissão.

Huber Kline Guedes Lobato (UFPA) e José Anchieta de Oliveira Bentes (UFPA) enfocam nas análises, como se pode perceber pelo título os perfis e as etapas que constituem a carreira dos tradutores e interpretes de Libras (TIL). A ancoragem teórica em relação ao conceito de memória está em Halbwachs (1990) e Bosi (1993). Huberman (2000) e Cavaco (1999) ajudam a trabalhar sobre a trajetória dos professores., considerando o foco nas narrativas de vida e nas etapas da carreira, Diante dessa temática, os autores destacam em relação à memória o fato dela nunca ser individual e que “a manutenção da desigualdade social é configurada por uma ideologia da classe dominante, que naturaliza as relações de poder de uma classe pela outra”, sinalizando para a importância do social. (ALTHUSSER, 2001).

O texto “. It’s all over now, Baby Blue: iniciação e violência contra a mulher em dois contos de Joyce Carol Oates”, de Genilda Azerêdo e Juliana Azevedo de Queiroz (Universidade Federal da Paraíba) objetiva investigar o diálogo intertextual entre os contos “Where are you going, where have you been?” e “Small avalanches”, da escritora estadunidense Joyce Carol Oates, com vistas a discutir a violência contra a mulher. Os dois contos recortados abordam a violência protagonizada

por personagens jovens que, segundo as autoras, “passam por uma aprendizagem (in)direta acerca do mundo adulto, através do sofrimento físico e psicológico”.

Renan Isse (UERJ) discute no texto “A linguagem que denega a sexualidade” o masoquismo sexual, significando-o como manifestação sexual perversa, pouco destacada e discutida na literatura. Uma das constatações é que o romancista Leopold von Sacher-Masoch, criador de uma obra com personagens com comportamentos masoquistas, tem pouca visibilidade, apesar de chamar a atenção. Segundo o autor do texto que estamos apresentando, a produção literária desse autor não pode ser rotulada “apenas como um conjunto de signos masoquistas” e é por essa razão que o articulista propõe analisar a perversão sexual na obra *A Vênus das peles*, obra prima de Sacher-Masoch.

O artigo, que passamos a apresentar a seguir, foi escrito por Jéfferson Balbino (UNESP/Assis) e aborda a dramaturgia brasileira. Destaca, na derivação desse gênero, o surgimento da minissérie, gênero que a TV Globo designa de ‘minissérie brasileira’, como um ‘novo produto televisivo’. O recorte analítico incide sobre a minissérie *A Casa das Sete Mulheres* - uma adaptação do romance homônimo escrito por Leticia Wierzchowski, em 2002, produzida e exibida pela TV Globo em 2003. Por basear-se em acontecimentos históricos e por aliar história e ficção, a obra enquadra-se no romance histórico, do que demanda uma abordagem dentro dos domínios da Literatura e da História. Balbino analisa a promoção de produtos televisivos; o consumo da teledramaturgia e a qualificação e o prestígio das minisséries brasileiras produzidas pela TV Globo.

A partir dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), Lucelene Teresinha Franceschini

(UNICENTRO/Irati) apresenta uma análise da variação pronominal tu/você em Concórdia – SC, destacando as variáveis linguísticas e sociais selecionadas como mais significativas no uso dessas formas pronominais. A pesquisa estruturou-se em uma amostra de 24 informantes, distribuídos por sexo/gênero, duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio). Os resultados apresentados foram obtidos através da análise de um corpus com 926 ocorrências dos pronomes tu/você: 512 (55%) casos de tu e 414 de você (45%), buscando analisar a alternância dos pronomes tu e você na fala de Concórdia.

O corpus de análise do artigo de Andressa Brenner Fernandes (UFSM) constitui-se de recortes do documentário *O Cárcere e a Rua* (2004), de Liliana Sulzbach, e enfoca histórias de mulheres que cumprem pena em um Albergue. A autora destaca como objetivo do seu texto a elaboração de uma reflexão a respeito do sujeito encarcerado, buscando saber como se dá a resistência. A análise concentra-se nos dizeres do sujeito mulher e está iluminada pelos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso. As noções mobilizadas para fins analíticos são: sujeito, formação ideológica e discursiva e as conclusões permitem pensar na existência de um Aparelho Repressivo de Estado em funcionamento. No que tange à ideologia, de acordo (PÊCHEUX, 1997), não há interpelação ideológica sem falhas e significa que os sujeitos resistem à interpelação, instaurando por esse processo um novo modo de enunciar os sentidos de dada FD (INDURSKY, 2005) instaurando, dessa forma, a resistência.

Com vistas a realizar um estudo acerca da inserção do indígena na história da literatura brasileira, desde o período do “achamento” até a atualidade, Mêrivania Rocha Barreto (UFBA) organiza um panorama histórico desse percurso. Com isso, dá visibilidade à passagem do indígena

de objeto (figura muda e idealizada) descrito pelos viajantes e escritores, para sujeito (falante e real), sendo autor do seu próprio texto. Para isso, lança mão de pesquisa bibliográfica (narrativas dos viajantes, textos literários e textos teóricos) e de autores como Carvalho (2009, 2017, 2020), Sá (2012), Neiva (2010), Almeida e Queiroz (2004). As conclusões, ainda parciais, sinalizam, segundo a autora, que a literatura indígena brasileira, mesmo a passos lentos, conquista espaço na história literária do país, havendo, entretanto, um trabalho grande a ser feito para que esses autores entrem para a academia e sejam inseridos no cânone nacional.

O artigo intitulado “Estratégias de mediação do conhecimento: operacionalizando andaimes”, de Ivaneide Gonçalves de Brito (UFRN) propõe-se a analisar as técnicas de andaimagem, utilizadas pelo professor em sala de aula com vistas à construção do saber por meio do processo de transposição didática do conhecimento. O articulista busca saber, por meio de observação, como se dá a operacionalização de andaimes na interação entre professor e aluno para verificar a contribuição dessa técnica como estratégia de ensino e de mediação do conhecimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, de caráter descritivo, pautada na etnografia, e em discussões de Albuquerque (2006), Bortoni-Ricardo e Fernandes de Souza (2006), e Castanheira e Bortoni-Ricardo (2007). Nas conclusões, a autora destaca a validade do processo de andaimagem para o ensino, entendendo que se trata de uma estratégia exitosa para a mediação do conhecimento.

Andressa Rodrigues dos Santos (UNICENTRO) e Alessandro de Melo (UNICENTRO) apresentam o artigo “Feminismo decolonial e a arte de Madalena dos Santos Reinbolt e Rosana Paulino o resultado de uma pesquisa teórico-bibliográfica derivada de estudos decoloniais, assentada nos princípios do feminismo de María Lugones (2014). O aporte teórico presente,

segundo os autores, mostra-se “muito relevante para o estudo das condições das mulheres negras em situações sociais de colonialidade, tal como define Quijano (2007)”. Vale destacar que o feminismo decolonial faz críticas ao feminismo universalista, que desconsidera as condições adversas às mulheres em condição colonial, especialmente, ao se refere aos aspectos de racial e de classe. De acordo com os autores, as obras de Madalena dos Santos Reinbolt (1919-1977) só podem ser analisadas pela interface entre gênero, raça e classe, por focar a mulher negra, empregada doméstica e sem formação acadêmica. Essa característica a sua obra fora dos cânones da arte. Já a análise da obra de Rosana Paulino, acadêmica e doutora em artes visuais, centra-se na crítica à situação do povo negro escravizado no Brasil.

Com o artigo “A Infância Negra, em Guimarães”, Rosa Rízia Lima Oliveira e Andressa dos Santos Vieira (UFES) buscam analisar os personagens representados pelos garotos negros Guirigó de Grande sertão: veredas (2017) e Tiãozinho, no conto Conversa de bois da obra Sagarana (2017). Por meio dessas obras, os articulistas abordam aspectos sociais relacionados à composição familiar, a questões raciais e de lugar de fala na sociedade com vistas a discutir e apontar as diferentes vivências da infância. O que rompe com o que vinha sendo encaminhado, no texto, é a possibilidade de aproximação entre as infâncias de garotos de obras distintas. Diante dessas constatações, os autores discutem a figura da infância idealizada, cercada de cuidados e prazeres, mostrando que essa infância não existe para os personagens enfocados.

Caio Mieirol Mendonça (UFRJ) no artigo “Multilinguismo e música pop: Code-Switching e afirmação de identidade em Me gusta, de Anitta, Cardi B e Myke Towers”, propõe-se a analisar o uso de code-switching – alternâncias de uma língua para outra, com incorporação de estruturas sintáticas,

dentro de uma mesma situação de enunciação – na construção da canção *Me gusta*, de Anitta, Cardi B e Myke Towers. Defende-se que a escolha pela composição em code-switching reflete a tomada de um posicionamento político que valoriza as identidades afrolatina e afrolatino-americana, reforçando os movimentos transculturais que estão nos cerne de tais identidades, e que o code-switching é utilizado como forma de empoderamento dos grupos hispanofalantes de regiões em que o inglês é língua standard, por meio da afirmação de suas identidades multiculturais e multilíngues. Busca-se discutir as funções desempenhadas pelo code-switching na canção e quais as implicações sociais de uma composição contendo tal fenômeno linguístico. Identifica-se que o uso de code-switching na canção é orientado por três grandes funções: a política, a literária e a instrumental.

O ensaio “O amor cortês: um desejo de contenção?”, de Cássio Eduardo Soares (UFMG), objetiva discutir o amor cortês a partir de uma interlocução da Análise do Discurso com a Psicanálise, seguindo a lógica discursivo-analítica do desejo de contenção. Segundo o autor. “uma das marcas da sociedade contemporânea é a prevalência do individualismo de massa”. Ancora-se nessa afirmação para dar visibilidade à vida amorosa dos jovens, sublinhando que ela se encontra marcada pela fluidez, pela volatividade, pela transitoriedade e pela liquidez, que se constitui como uma mudança/transformação das relações, na atualidade. Toma, ainda, como orientação analítica as noções de sublimação e de interdito como paradigmas do amor cortês. Com vistas à conclusão, o autor destaca que foi constatada a presença de traços do amor cortês na contemporaneidade com seus efeitos e com os impasses que ele provoca frente à liquidez das parcerias amorosas.

Neste artigo, o autor defende que é consenso que o desenvolvimento da competência lexical

favorece o bom desempenho na leitura e na escrita, envolvendo também, o ouvir, o ler, o falar e o escrever unidades do léxico, que abrange um conjunto de palavras de uma língua. A partir dessa afirmação, Fernando Moreno da Silva (UNESP/Araraquara), apresenta o artigo “A relação entre competência lexical e desempenho escolar: abordagem lexical no ensino para o desenvolvimento da leitura e da escrita”. Nele, o autor tem como objetivo evidenciar a relação entre competência lexical e desempenho escolar e, para isso, analisa estatisticamente o eixo lexical de redações do ENEM e do vestibular da UENP. Visa, ainda, o estímulo do uso dicionário na sala de aula como instrumento para desenvolver a competência lexical dos alunos.

O próximo artigo apresentado à Revista *Interfaces* intitula-se “Um olhar bakhtiniano para o verso harmônico em *Pauliceia Desvairada*, de Mario de Andrade” e é de autoria de Eduardo da Silva Moll (PUC-RS). O artigo toma uma obra literária como corpus analítico, por compreender que Bakhtin e o Círculo concebiam as obras literárias como produtivos loci de reflexão teórica sobre a linguagem e sobre a comunicação discursiva. Partindo desse pressuposto, o autor estabelece como objetivo central de seu artigo a investigação acerca da confluência de vozes presentes no poema “Prefácio Interessantíssimo”, bem como a ideia de “polifonia poética” e de “verso harmônico”. Delineia-se, portanto, um percurso teórico e posterior de análise em que sinaliza para a possibilidade de a poesia ser receptiva às vozes sociais, como o próprio autor enfatiza, realçando, no entanto, um sentido romanesco-prosaico para a polifonia.

Felipe da Silva Mendonça (UEL) apresenta o artigo “‘Que Malandro sou eu?’: reverberações da picaresca clássica espanhola em ‘Paulinho Perna Torta’, de João Antônio”. Com o intuito de traçar paralelos entre o conto “Paulinho Perna Torta”, escrito por João Antônio, em 1965, e o romance

Picaresco “Lazarillo de Torres”, cuja autoria é desconhecida, mas foi escrito em 1554. Esta obra se constitui como um importante documento social do homem e da terra espanhola no Século de Ouro, dando origem à novela picaresca, em que o personagem não segue às regras da sociedade, mas ao mesmo tempo, não se configura como mau caráter, chegando mesmo a ganhar a simpatia dos leitores. O autor do artigo recorre à base teórica que discute a picaresca e a malandragem na literatura e sinaliza, nas considerações finais para o fato de que a picaresca clássica espanhola ainda reverbera em narrativas que apresentam o anti-herói como personagem.

O artigo “Do estruturalismo à análise do discurso. Análise da propaganda Vamos brasilizar”, de Tatiana Barbosa de Sousa (PNPD/ UNICENTRO) e Guilherme Beraldo de Andrade (Salamanca/Espanha), apresenta um percurso cronológico da linguística, partindo de Saussure até a formação da Análise do Discurso pecheuxtiana. Os fundamentos teóricos da Análise de Discurso, a partir de Pêcheux e Orlandi sustentam a análise da propaganda de uma bebida alcoólica cujo slogan é “Vamos Brasilizar”. Em seu empreendimento analítico, os autores consideram as condições de produção da referida materialidade, os festejos juninos, e visam compreender a produção de sentidos e seus efeitos, que se materializam pela opacidade da língua e na relação entre ideologia e inconsciente, produzindo efeitos de identidade nacional.

Tiago Vieira de Souza (UFRJ) e Ana Paula Quadros Gomes (UFRJ), no artigo “Um estudo sobre a semântica do plural: a distinção contável-massivo”, objetivam analisar e descrever o comportamento das expressões nominais em Português Brasileiro (PB). Alicerçados nos pressupostos teóricos da Semântica Formal, os autores propõem-se a verificar as condições que geram a aceitabilidade (ou falta dela) de morfema

plural em nomes contáveis e massivos. Os autores finalizam seu artigo chamando a atenção para a importância do debate e reflexão sobre os limites da noção de plural nos nomes, uma vez que o uso do morfema de plural, segundo eles, não aparece apenas nos nomes contáveis.

O artigo “A identidade de Leopoldo em os Cordeiros do Abismo: entre a lascívia e a redenção”, de autoria de Rannyle Silva de Oliveira (UEG) e José Elias Pinheiro Neto (UEG/ USP/SP), considera, para suas análises o romance Cordeiros do Abismo, de Maria Luísa Ribeiro. A partir da obra, visam a explicitar as nuances que constroem a identidade de Leopoldo, personagem da obra, discutindo, pela perspectiva de Freud (2013), o incesto e o tabu a fim de compreender os percursos psíquicos relativos à primeira escolha sexual de uma criança e entender o inconsciente da personagem nessa fase. Serão discutidas, no artigo, as relações conflituosas existentes entre o personagem, sua família (mãe) e outras pessoas. Além disso, abordam a identidade do sujeito na busca de si mesmo.

Em “Análisis estilométrico de tres obras de Roxana Miranda Ropailaf”, Enrique Nuesch (UNESPAR/Apucarana) e Gleice Angélica Queiroz Rodrigues (UEM) realizam uma análise estilométrica entre três textos de Roxana Miranda Ropailaf: *The Temptations of Eva* (2003), *Seduction of Poisons* (2008) e *Sumpall* (2011). Para isso, utilizam como critérios analíticos: 1. O TTR; 2. A porcentagem de palavras funcionais em relação à totalidade das palavras do texto; 3. O número de sílabas métricas por verso; 4. O número de palavras por verso; 5. A duração de cada período. Após a análise comparativa entre os textos, os autores concluem que existe perceptível variação do nível lexical no trabalho de 2011 em relação aos textos de 2003 e 2008.

Elivelton Assis Krümmel (UFSM), em “Sob um prisma mosaico de museu: a (re)significação

da história e a (re)construção da memória do holocausto”, propõe uma concepção de funcionamento mosaico de museu. O autor destaca como os museus contemporâneos, em especial os que representam a história e a memória de grandes guerras, dos genocídios, selecionam os vestígios do passado e organizam discursos para promoverem e veicularem as suas representações do/sobre o passado, o presente e o que deverá permanecer para o devir. Diante disso, o autor analisa como, por meio dos testemunhos de sobreviventes, (re) constroem uma memória do/sobre o Holocausto.

Apresentados os vinte artigos deste número da Revista Interfaces sublinhamos a importância de continuarmos com nossas pesquisas, dando visibilidade aos funcionamentos da língua e do poder criativo dos sujeitos. Referendamos, com isso, que trabalhar nas interfaces, se constitui de início, pela concepção de língua a partir de bases linguísticas, que funcionam e se movimentam por meio do trabalho dessa mesma língua na história. Entendemos que a língua entra no jogo, no processo criativo, não só por meio de materialidades artísticas, mas também pelos modos de dizer e de não dizer. Trata-se modos de ‘trapacear a língua’, como nos ensina GADET ([1980], 2011, p. 198), tomando-a no espaço que funciona na língua na vida. Gadet nos diz, ainda em relação a isso, que “ a relação entre a liberdade e a restrição existe evidentemente, mas ela não se joga entre dois níveis linguísticos: ela está na própria ideia de jogo, entre o sistema da língua e o jogo que ele permite”.

Referências

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros Castro. Rio de Janeiro: Edição Graal, 2001.

GADET, Françoise. Trapacear a língua. In: CONEIN, Bernard, [et al], (org.); Materialidades discursivas. Trad. Graciely Cintra [et all]. Campina/SP: Pontes Editores, 2016., p. 185-199.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997.

PETRI, Verli. Glossários. In: MEDEIROS, Vanise et (all). Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020, p. 11-116.

MARTINS, Helena. Dentro-fora. In: MEDEIROS, Vanise et (all). Almanaque de Fragmentos: ecos do século XIX. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020, p. 7579..